

■ Água da Amazônia altera gravidade

O mar de água doce que todo ano cobre a bacia Amazônica, o maior reservatório de água doce do planeta, modifica a força gravitacional da Terra. Em época de cheia, especialmente de fevereiro a maio, há mais água, portanto mais massa, e a força da gravidade é maior. Nos outros meses do ano, quando a água se espalha, a força gravitacional diminui, demonstrando o efeito direto da água sobre o campo de gravidade da Terra. Com base nas informações colhidas pelos satélites gêmeos Grace (Gravity Recovery and Climate Experiment), em órbita há dois anos, engenheiros da Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos, mediram as sutis variações da gravidade do planeta e descreveram mês a mês as variações desse campo ao longo da bacia do Amazonas (*Science*, 23 de julho). O trabalho deve ajudar a avaliar mudanças do clima e a mapear depósitos de água, que evaporam, condensam, congelam e derretem, atraindo ou afastando a mais tênue das forças da natureza. ●

■ Coral precioso em águas profundas

Biólogos do Rio de Janeiro identificaram um novo tipo de coral nas águas profundas do litoral brasileiro: é o *Coralium medea*, uma espécie do gênero conhecido como coral precioso ou coral vermelho, bastante empregado na fabricação de anéis, pulseiras e colares, encontrado em profundidades de 380 a 500 metros

no banco oceânico Almirante Saldanha, entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro. É o primeiro registro dessa espécie no Atlântico Sul, abundante no litoral da Flórida, Estados Unidos, parcialmente dominado por outra espécie, a *Lophelia pertusa*. Sua descoberta, relatada na revista *Zootaxa*, resulta das expedições realizadas no âmbito do projeto Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (Revizee),

um amplo levantamento dos recursos marinhos da costa brasileira. Amostras de colônias e fragmentos trazidas dessas viagens – as maiores com quase 30 centímetros de altura, 15 de largura e 5 de profundidade – foram identificadas pela equipe de Clovis Castro, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo ele, a coloração branca da *C. medea* diminui seu potencial

Menos cesáreas nos hospitais

Quando um médico considera a opinião de outro médico há menos cesáreas. Em cinco países da América Latina, incluindo o Brasil, diminuiu em 7,3% o total de partos desse tipo após a implantação de uma política que incentiva os médicos a ouvirem uma segunda opinião sempre que uma cesárea não emergencial fosse indicada. Embora pequena, essa redução demonstra a possibilidade de aplicação dessa proposta em conjunto com outras medidas que visem ao maior controle desse procedimento, que representa de 25% a 30% de todos os partos na América Latina. “As cesáreas desne-

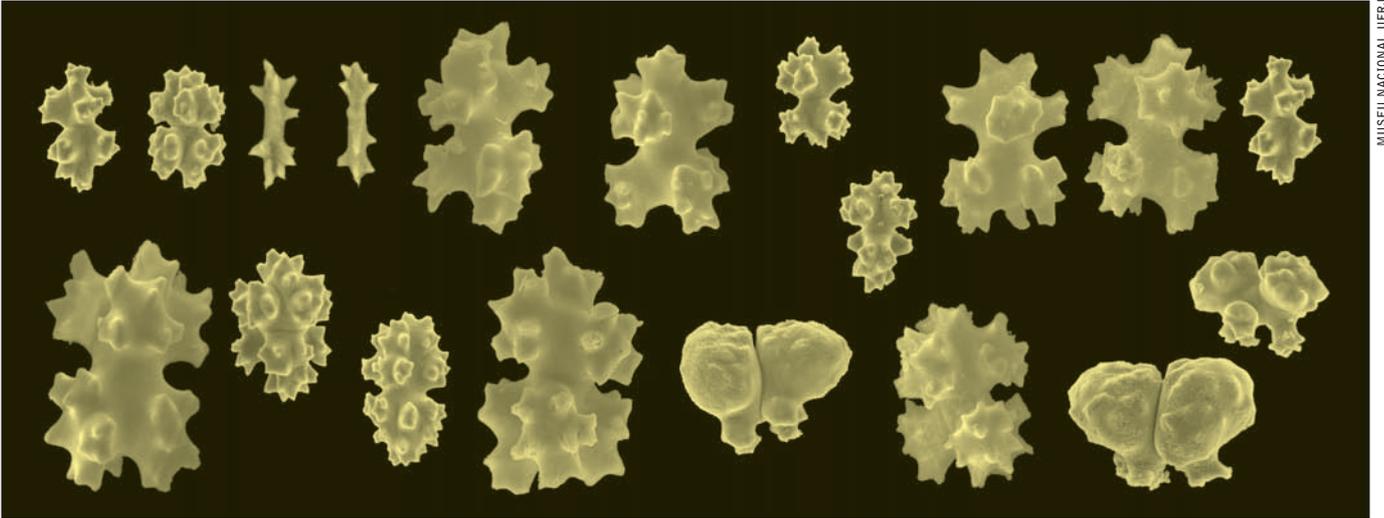
cessárias são um problema de saúde pública, porque o custo do parto cesariana é muito maior do que o do parto normal”, diz José Guilherme Cecatti, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e um dos autores do estudo, publicado em *The Lancet*. Foram analisados 149.276 partos, realizados em 18 hospitais da Argentina, oito do Brasil, quatro de Cuba, dois da Guatemala e um do México. No Brasil, segundo Cecatti, a redução

foi maior do que nos outros países, mas “os resultados provavelmente não têm poder estatístico suficiente”, já que a amostra foi calculada para o total de hospitais, não para cada um, isoladamente. Segundo ele, os médicos “avaliaram cada caso mais detalhadamente” ao saberem que havia um guia que poderiam consultar para verificar as situações que indicassem cesárea e por saberem que um segundo obstetra daria a opinião. ●

Aleijadinho,
Nossa Senhora
do Rosário



MIGUEL BOYAYAN



Estruturas de sustentação (escleritos) do coral precioso, em microscopia eletrônica: raridade nas profundezas do mar brasileiro

de comércio. “Os corais preciosos possuem esqueletos internos geralmente na cor vermelha, rosa, cor coral ou branca”, diz Castro. “As espécies mais valorizadas são as de esqueleto avermelhado”. Os bancos de corais de profundidade – no Brasil pode haver outros, além desse no litoral sudeste – podem se estender por centenas de quilômetros, com 10 a 15 metros de altura. •

■ As causas da rebeldia infantil

Quem tem filhos ou trabalha com estudantes sabe o quanto é difícil lidar com crianças e adolescentes com idade entre 7 e 14 anos. No entanto, desatenção, desobediência, falta de interesse e de educação, que tantas vezes tiram os adultos do sério, podem ser produto não da irreverência e rebeldia, comuns à idade, mas de algum transtorno psiquiátrico. Um em cada oito estudantes de 7 a 14 anos apresenta ao menos um distúrbio emocional – os mais comuns são os transtornos de conduta, ansiedade, fobias, déficit de atenção ou hiperatividade e depressão – de acordo com um levantamento feito com 1.251 estudantes de 22 escolas pú-

blicas (urbanas e rurais) e de quatro escolas privadas de Taubaté, São Paulo. O estudo, publicado no *Journal of the American Academy of Child and Adolescent*, indica que a maior incidência de transtornos ocorreu entre os estudantes das escolas públicas. “Ainda não se sabe exatamente o motivo, mas populações mais carentes têm mais risco de desenvolver transtornos mentais”, diz a psiquiatra infantil Bacy Fleitlich Bilyk, pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e co-autora do trabalho, feito em conjunto com Robert Goodman, do King’s College, de Londres. Se esse estudo chegou a uma proporção de 12,7% de crianças e adolescentes com algum problema psiquiátrico, levantamentos similares feitos no Reino Unido indicam que por lá a taxa é menor (9,7%). “A baixa escolaridade dos pais, com a conseqüente dificuldade de detectar problemas dos filhos, e a falta de apoio de uma rede social podem ser alguns dos fatores que expliquem essa situação.” Para Bacy, o estudo alerta para a urgência em estruturar uma rede de atendimento psiquiátrico a crianças e adolescentes. “Hoje não existe no Brasil

um planejamento para a saúde mental infantil”, comenta a pesquisadora. “Crianças consideradas chatas ou mal-educadas às vezes precisam de tratamento, e custaria pouco ao governo treinar agentes de saúde e mesmo pais e professores para ao menos detectar esses problemas.” •

■ Perigo, vermes em cima do sofá

Que tal ficar um pouquinho mais longe de seu bichano predileto? Quase nove em cada dez gatos têm pelo menos



MIGUEL BOYVAN

Nove em dez têm parasitas: crianças, lavem as mãos

um parasita gastrointestinal e, “quanto mais jovem o gato e maior a carga parasitária, maiores riscos de doenças graves e fatais”, diz Norma Labarthe, da Universidade Federal Fluminense (UFF), uma das instituições que participaram desse estudo, publicado na *Veterinary Parasitology*. Até chegarem a essas conclusões, os pesquisadores da UFF, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, fizeram a necropsia de 135 gatos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 99 deles capturados em áreas públicas e 36 em abrigos de animais. Outro problema – talvez o mais importante – é que não só os felinos perdem por alojarem vermes como o *Dipylidium caninum* e o *Ancylostoma braziliense*: as fezes contaminadas podem causar problemas nos intestinos, nos olhos e na pele principalmente de crianças. Para amenizar o problema, Norma recomenda limpeza das casas e dos abrigos de gatos e o controle das populações de animais sem dono nas ruas, que facilitam a transmissão dos parasitas. Estima-se que no Brasil haja de 10 milhões a 14 milhões de gatos. •